

A "guerra" pelas Marias: conflito no campo religioso sul rio-grandense

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v7i21.26576

Marta Rosa Borin¹

Resumo: O campo religioso sul rio-grandense, a partir dos anos de 1930, foi de tensões e conflitos em torno da disputa pela devoção mariana preponderante no Estado. Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças seria a preferida dos entre agentes sociais do clero diocesano em detrimento de outra devoção, a Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schöenstatt. Após o Concílio Vaticano II algumas práticas em torno destas devoções mudaram este perfil e elas se constituíram em objeto do turismo religioso, pois na nova mentalidade pós-conciliar a Igreja católica procurou envolver os leigos na evangelização, preferencialmente, para alcançar um catolicismo mais esclarecido em matéria de fé e religião. Na contramão dessa proposta a devoção mariana, enquanto piedade popular seria parte de um projeto mais amplo pela afirmação do catolicismo.

Palavras-chave: devoção mariana, poder, conflito

The "war" for "Marias": conflicts in the religious situation in Rio Grande do Sul

Abstract: The religious situation in Rio Grande do Sul, from the 1930s, was the one of tensions and conflicts around the 'race' for establishing a leading Marian devotion in the state. Our Intercessing Lady of All Graces was strongly supported by the diocesan clergy, much to the detriment of another devotion, Our Lady Thrice Admirable of Schöenstatt. However, after the Second Vatican Council some practices around these two devotions changed and both of them became viewed as religious tourism objects. It was due to the fact that in the new post-conciliar mentality the Catholic church sought to involve the laity in the evangelization process, in order to achieve a more enlightened Catholicism in the matters of faith and religion. Therefore, a Marian devotion, as an example of popular piety, would become a part of a larger project of Catholicism affirmation.

Key-words: Marian devotion, power, conflict

La "guerra" de Marías : conflicto religioso en el campo del Rio Grande do Sul.

Resumen: El campo religioso del Rio Grande do Sul, desde la década de 1930, era de tensiones y conflictos en torno a la competencia por la gran devoción mariana en el estado. Nuestra Señora Mediadora de Todas las Gracias sería la favorita entre los agentes del clero diocesano sobre otra devoción, la Reina Madre y Ganadora tres veces Admirable de Schoenstatt. Después del Concilio Vaticano II algunas prácticas en torno a estas devociones cambiaron este perfil y se constituían en objeto del turismo religioso porque en el nueva postconciliar mentalidad, la Iglesia Católica trató de involucrar a los laicos en la evangelización, preferiblemente para lograr un catolicismo más

¹ Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS/RS (2010); Professora do Departamento de Metodologia do Ensino/CE, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS/Brazil; Professora do PPG em História e do PPG Profissionalizante em Patrimônio Cultural, UFSM/RS; membro do Grupo de Pesquisa História Platina: poder e instituições, UFSM/CNPq; GP Memória e Patrimônio, PPGH/UPF/CNPq e do GT História das Religiões e Religiosidades da ANPUH/RS mrborin@gmail.com

ilustrado en asuntos de la fe y la religión . Contra esta propuesta devoción mariana , mientras que la piedad popular sería parte de un proyecto más amplio por la declaración catolicismo.

Palabras clave: devoción mariana , poder , conflicto

Recebido em 20/12/2014 - Aprovado em 30/01/2015

Introdução

Ao refletir sobre o campo religioso sul rio-grandemente, a partir dos anos de 1930, se percebeu que, para justificar algumas divergências intramuros, a primeira vista, relacionadas ao culto mariano, é necessário buscar respostas no contexto sócio-político. Assim, ao lançar mão de recursos como a observação etnográfica e a opinião dos crentes percebeu-se a necessidade de associar outras ferramentas que permitissem encontrar correspondências entre estes enunciados e outros temas mais amplos que, neste caso, foram detectados no contexto histórico e nas estratégias de ação dos líderes religiosos.

Sem pretender esgotar a interconexão entre os campos, analisamos como as tendências sócio-políticas do período afetaram o campo religioso, e como os líderes religiosos adaptaram o projeto de Igreja ao contexto dos anos de 1930, especialmente entre setores que ainda estavam à margem das organizações leiga e pastoral. Ainda, a partir do Concílio Vaticano II, identificamos alguns dos desdobramentos daquelas estratégias do clero em benefício da afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul frente às outras crenças. Os setores populares seriam uma alternativa de intervenção para alcançar seus interesses e a devoção mariana um dos recursos que agiria como mecanismo de controle, um capital simbólico capaz de beneficiar diferentes campos.

Assim, ao contraio do que a historiografia eclesiástica aponta, acreditamos que o campo religioso pode ser considerado um “espaço de jogo” (BOURDIEU: 1998) onde as posições dos agentes sociais se definem de acordo com os interesses, neste caso os dos líderes religiosos pela afirmação do catolicismo mediado por um poder simbólico, representado aqui por duas devoções marianas, as “*Marias*”, *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* e a *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt*.

Para tanto, trataremos as devoções marianas como capital simbólico que, enquanto religiosidade popular, foram tuteladas pela hierarquia da Igreja, porque entendemos como uma das prerrogativas da Restauração Católica o controle do catolicismo supersticioso, fantasioso e fanático, qualificação usada, não somente pelos anticlericais para criticar os católicos, mas pelo próprio clero liberal, progressista. Essa espécie de capital conferia prestígio e poder à Igreja não somente no campo religioso como também no campo social e político.

Ambas as devoções foram constituídas no Estado Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria, e foram idealizadas por eclesiásticos. O jesuíta Inácio Rafael Valle dedicou sua atenção a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, a partir dos anos de 1930, e o padre palotino, depois schoenstatiano José Kentenich, à *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schöenstatt*. A devoção à Medianeira esteve relacionada, não apenas ao campo religioso, mas, também, ao político, mais notadamente de 1930 a 1960, portanto no período pré-conciliar, diferente da devoção à *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de*

Schönenstatt, mais voltada à renovação interna da Igreja. Após o Concílio Vaticano II, o clima de tensão entre os agentes sociais do clero diocesano permaneceu veladamente e a devoção foi sendo ressignificada.

Para ampliar esta reflexão vamos problematizar o campo religioso católico sul rio-grandense ao destacar alguns aspectos que determinaram as reações contrárias do clero diocesano em relação à devoção a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de *Schönenstatt*, a ponto de gerar tensões e conflitos neste espaço de jogo. Neste sentido, vamos realçar algumas estratégias do clero diocesano para coagir os devotos a dar primazia à padroeira do Estado do Rio Grande do Sul e neste desdobramento a configuração do turismo religioso.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira

A partir de fontes de jornais identificamos algumas estratégias de agentes sociais do clero sul rio-grandense no sentido de reafirmar o catolicismo no Rio Grande do Sul, posto que a Igreja, com a separação do Estado após a implantação da República, passou a perder prioridade e prestígio no campo político. Neste processo a difusão da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças passou a fazer parte do jogo de interesses da diocese, até mesmo frente a outras devoções marianas.

Acreditando no poder místico da devoção o jesuíta Inácio Valle passou a invocá-la pedindo pela proteção da cidade de Santa Maria por ocasião da revolução de 1930. Os jornais da época indicam que a cidade não foi atacada, fato atribuído às orações de suplica a Virgem Medianeira pela proteção da cidade. O prodígio de tal invocação rendeu vantagens ao clero católico que passou a organizar romarias em honra à santa e aventar a necessidade da construção de um Santuário para receber os devotos. Este projeto para uma cidade do porte de Santa Maria, à época com aproximadamente 30 mil habitantes, sinalizava que a expectativa do clero era, não somente projetar a devoção mariana e trabalhar pela afluência de muitos devotos, mas, também, fazer desse potencial simbólico um mecanismo de controle da classe operária simpatizante do ideário comunista.

Se, nos anos de 1930, o poder do clero local, ao retroagir sobre os grupos anticlericais, triunfou foi por conta da campanha eclesial pelo reconhecimento de *Nossa Senhora Medianeira* como aquela que teria protegido a população da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, por ocasião da Revolução de 1930. Nos anos subsequentes o empenho do clero seria pelo reconhecimento nacional desta invocação mariana, ao menos oficialmente, pois, em 1939, em Concílio Plenário os Bispos católicos do Brasil, reunidos no Rio de Janeiro, aprovaram *Nossa Senhora Medianeira* como a padroeira da Confederação dos Círculos Operários Católicos. Com esta nomeação creditava a ela, a “*Rainha e Advogada de todos os Círculos Operários do Brasil*”, poder de mediação entre o povo oprimido (operário) e a elite dirigente.

Neste sentido, o clero diocesano de Santa Maria contou com o apoio do Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, e a devoção foi sendo projetada em nível nacional. O propósito foi tomando vulto pois, para o clero católico a afluência das ideias

comunistas poderia desviar os trabalhadores brasileiros dos princípios cristãos, numa cidade como Santa Maria com uma significativa população operária, por ser a sede da Cooperativa dos Funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Para reforçar as iniciativas do clero D. João Becker afirmava que Nossa Senhora Medianeira era modelo, símbolo de aprovação ou aceitação, por parte do governo brasileiro das ações da Igreja junto aos operários, pois a Igreja havia confiado a ela o controle da movimentação comunista entre os operários no Rio Grande do Sul.

Essas iniciativas estavam ligadas a um projeto maior, o de legar uma identidade católica à nação brasileira do qual a cidade de Santa Maria se inseria e com isto se projetava. Como o governante Getúlio Vargas contava com o beneplácito daquele episcopado e vice-versa, as ações dos jesuítas em relação à cristianização da classe operária estavam respaldadas.

Assim, a preocupação da Igreja em relação à expansão das ideias comunistas no Brasil justificava a criação de Círculos Operários no Rio Grande do Sul, a ponto de, em 1933, a Federação dos Círculos Operários Católicos já contar com treze círculos. Igualmente, quando no Estado Novo, (1937-1945), Getúlio Vargas favoreceu a doutrina e a organização dos Círculos Operários, reprimindo ao mesmo tempo o movimento operário de esquerda, os Círculos Operários se multiplicaram e os padres jesuítas foram um dos parceiros do Estado traçando suas próprias regras para a “salvação” da família operária.

A ideia de sacralizar a política social implantada após 1930 (SOUZA: 2002, p. 152-155 e 187) e restaurar a dignidade do trabalhador, de manter a nação católica afastada da sociedade de experiências radicais vindas pelo sindicalismo e pelo capitalismo liberal, foi marcada simbolicamente, em 1939, quando Nossa Senhora Medianeira foi elevada a condição de Padroeira dos Círculos Operários. A devoção projetava Santa Maria e o catolicismo, e indicava que o projeto da Igreja de doutrinar os operários de acordo com os princípios e moral cristã tinha o respaldo do governante para que as ideias de comunismo não encontrassem espaço naquelas agremiações.

Para oficializar as iniciativas da Igreja católica em prol da devoção à Padroeira dos operários ficou decidido no Concílio Plenário Brasileiro, em 1939, que, a partir de 1940, a festa em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças teria “missa e ofício próprios” e seria celebrada a 31 de maio².

Ao estabelecer a data da festa em todo o território nacional os líderes religiosos católicos estavam legitimando o poder e o prestígio daquela invocação mariana. O mesmo aconteceu, em nível regional, quando ela foi reconhecida, em 1942, como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul. O ideal do clero santa-mariense, representado pelo Bispo de Santa Maria, D. Antônio Reis, e do jesuíta, padre Inácio Rafael Valle estava sendo alcançado. Aquelas conquistas, somadas ao reconhecimento de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil e a inauguração do monumento ao

² Em 1974, a 31ª romaria presidida pela primeira vez por D. José Ivo Lorscheiter, foi celebrada a primeira Festa Litúrgica de Nossa Senhora Medianeira de acordo com o novo calendário litúrgico autorizado pelo Vaticano, quando passou do mês de maio para o segundo domingo do mês de novembro.

Cristo Redentor completavam a ideia de que a Igreja consolidara seu prestígio diante da população e das autoridades civis. A igreja externava visivelmente a ideia de que o Brasil era uma nação verdadeiramente católica após a Proclamação da República.

Outro acontecimento que pode referendar a importância da devoção mariana e com ela a reafirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul foi o destaque dado ao deslocamento da imagem de Nossa Senhora Medianeira à capital do Estado, Porto Alegre, no dia 1º de maio de 1948, em carro alegórico, como *Rainha e Padroeira dos Círculos Operários*, “poderosa e disciplinada agremiação trabalhista, disseminada em todo o território nacional”. Um percurso que mobilizou autoridades civis e militares, dando a dimensão do poder simbólico da devoção. A santa teria sido recebida “pelo povo com júbilo e preces na estação de trem”.

Para referendar ainda mais a confiança que poderia ser depositada nesta devoção mariana, os jesuítas e outros sacerdotes, buscaram obter o reconhecimento pontifício do Dogma da Mediação Universal de Maria Santíssima. Devido sua importância foi tema do V Congresso Eucarístico dos Círculos Operários, no Rio de Janeiro, em 1950. Naquele evento ficaram conhecidos os quinze anos de trabalho dos circulistas em favor da devoção à Medianeira que, segundo a apreciação dos congressistas, pretendeu “salvar da ruína as massas proletárias”.

Outra iniciativa foi a do jesuíta, padre Leopoldo Brentano que, em 1951, entregou ao Papa uma lista com cento e dezessete mil assinaturas de operários, encabeçada pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, altas autoridades federais e pelo cardeal do Rio de Janeiro. As assinaturas, reunidas em sete volumes, foram angariadas entre operários de vários países e passaram de trinta mil. Esta iniciativa, segundo Valle, partiu do Círculo Operário Porto-Alegrense, que organizou junto ao Seminário Central de São Leopoldo um plebiscito mundial pela definição do dogma da mediação de Maria: o “Plebiscitum Seminaristicum Mundiale”.

As estratégias em torno da consolidação dessa devoção contribuíram, também, para legitimar o projeto de Restauração Católica no Rio Grande do Sul e auxiliou o estadista Getúlio Vargas a controlar o que considerava uma das mais problemáticas questões enfrentadas no seu governo: a contenção das ideias comunistas entre os operários. Ele encontrou nos Círculos Operários católicos uma alternativa para combater as ideias comunistas. Isto ficava explícito no programa do Círculo Operário Porto-Alegrense, por exemplo, onde era registrado o perfil esperado do operário brasileiro: “cristão e anticomunista”.

Portanto, o clero católico, cauteloso em relação às devoções populares, era detentor de um poder simbólico que representava a soberania religiosa e com ele conseguia tutelar os populares, o que lhe permitia receber o reconhecimento do Estado. Assim, conforme sugere Levi (2014), partindo do contexto político brasileiro encontramos nas respostas locais, indícios que possibilitam verificar o poder do clero em retroagir sobre a infraestrutura daquele período.

Santa Maria, ao se tornar um centro de peregrinação de devotos à Medianeira e cidade sede da padroeira do Estado do Rio Grande do Sul acumulava um expressivo

capital simbólico que, no campo religioso, se configurava como um “bem de salvação”, “um bem acumulado, produzido”, (BOURDIEU, 1998: p. 30), um poder difícil de ser combatido pelo seu valor subjetivo, religioso, sentimental, sobrenatural. Neste caso, objeto central das tensões no campo das crenças que jogava como sobreposto ao prestígio, à autoridade e ao reconhecimento da Igreja.

Assim, verificamos que os anos de 1930 a 1950 foram significativos para a reafirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul e, ainda, que o jogo de interesses pela difusão da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças como a “mãe dos operários”, a “Senhora” do mundo do trabalho estava permeado pela manipulação das ideologias políticas.

Na atualidade, Nossa Senhora Medianeira ainda é reconhecida pelos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, pois os circulistas, principalmente de Santa Maria, participam das romarias em homenagem a ela levando as bandeiras do Círculo Operário.

Outra iniciativa do clero em prol desta invocação mariana, e que contribuiu para a afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul, foi a proposta de construção do Santuário Basílica Menor Nossa Senhora Medianeira, na cidade de Santa Maria. A ideia, lançada em 1935, alcançou resultado significativo na década de 1970 quando foi inaugurado e, mais tarde, em 1987, quando foi reconhecido como Santuário Basílica Menor, pela Sagrada Congregação para o Culto Divino. Ou seja, uma maior vinculação a Cátedra de Pedro e um “centro de peculiar empenho litúrgico e pastoral” como, por exemplo, promover cursos e conferências para a evangelização dos fiéis, celebrar solenemente as festas da Cátedra de São Pedro e de São Paulo, e o aniversário da eleição do Papa. Os fiéis que visitassem a Basílica e cumprissem as condições prescritas pela Santa Sé, poderiam obter indulgência plenária na festa da padroeira titular, e em mais um dia do ano à livre escolha³.

Estas prerrogativas deveriam ter contribuído para atrair um número significativo de fiéis, no entanto, este afluxo não é significativo durante o ano, exceto no dia da romaria. Por isto, a edição de 1970, da Revista “Rainha-Turismo-Medianeira” pode ser contestada. Na realidade, ela corrobora para evidenciar o teor político-religioso em torno das romarias e a importância do retorno econômico que ela trazia para o município.

Este Santuário, como espaço religioso onde se manifesta o sagrado (Halbwachs: 2008) é de fundamental importância para o devoto, ali ele pode experimentar a vivência religiosa. Neste quesito, a cidade de Santa Maria seria privilegiada, pois abriga dois santuários marianos. No entanto, o clero católico apresentou impedimentos para o pleno reconhecimento de outro santuário na cidade, mesmo que isto pudesse evidenciar a disposição do município de Santa Maria para o turismo-religioso. Pois, o novo protagonista era portador de outro perfil: o diácono João Luiz Pozzobon, devoto *Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schöenstatt*, devoção concorrente.

A devoção que motivou a “guerra” pelas Marias

³ Encontrado em: <<http://www.diocesasantamaria.org.br>> Acesso em: 16/16/2006.

Paralelamente ao prestígio das romarias estaduais em homenagem a Nossa Senhora Medianeira, a partir dos anos de 1950, a cidade de Santa Maria contava com a Romaria da Primavera, uma iniciativa dos membros do Movimento Apostólico de Schönstatt, devotos da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt. Esta romaria era mais modesta em número de participantes, mas a adesão da população vai ser diferente.

Na nossa percepção, esta devoção mariana não vai estar explicitamente a serviço da causa operária como esteve a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, mas à renovação interna na Igreja, a partir de uma pedagogia teológico-filosófica e ascética elaborada pelo seu idealizador, o padre José Kentenich. Ele propunha mudanças para superar o mecanicismo através da educação nos seminários de formação religiosa, pois criticava especialmente o ensino centralizado na figura do professor que inibia a autonomia dos estudantes. Ele propunha uma estrutura pastoral mais adequada à realidade com a participação dos leigos e populares nas diversas formas de atividade pastoral da Igreja.

Kentenich frisava ainda, que um religioso usando hábito ou não, sem votos perpétuos, convicto de sua decisão, podia a qualquer momento, por justas razões, mudar de ideia e abandonar a congregação, pois as comunidades religiosas deveriam aspirar por liberdade e não por coação dos votos. O religioso e o leigo deveriam competir com aqueles que haviam feito votos e aspirar ao mesmo nível. Kentenich pregava que a perfeição podia ser alcançada tanto dentro como fora dos muros do convento, ideia contrária a opinião pública, ou o que ensinava a Igreja e a literatura de formação de seu tempo. Assim, os religiosos poderiam se desligar das congregações sem precisar da permissão da Santa Sé. Com estas propostas ele organizou o Movimento Apostólico de Schönstatt na Alemanha, em 1914.

Formado na congregação dos padres palotinos, Kentenich encontrou receptividade nas suas propostas pedagógicas, mas logo os sacerdotes foram proibidos, pelo Superior Geral da Ordem, de aderir à agremiação que ele fundou. Isto causou animosidades entre alguns membros do clero católico que resultou na cisão que obrigou os sacerdotes a optarem entre uma congregação ou outra: a palotina ou schönstadiana.

Seus opositores acusavam-no de ter dupla face: uma para a publicidade em geral e outra na intimidade, a qual tinham reservas pelas características de misticismo e pelo procedimento anticlerical em relação à autoridade eclesial. Alguns sacerdotes temiam que ele estivesse levando os membros do Movimento de Schönstatt a um afeto exagerado por sua pessoa.

Apoiados nestas questões, as advertências do bispo D. Antônio Reis, em relação aos padres palotinos, foram anunciadas numa carta endereçada ao Provincial da congregação, em 1953. Para o bispo eles haviam criado uma “diocese dentro da diocese” e ele não acreditava que a população local fosse compreender a proposta pedagógica do padre Kentenich.

A missiva deixava claro que a devoção a Mãe Três Vezes Admirável de Schönstatt não podia prejudicar a devoção a Medianeira e nem tirar o movimento do

santuário oficial da diocese. Ou seja, a devoção à Medianeira e o seu Santuário tinham a preferência do episcopado, pois esta devoção, de certa forma, tornara-se um mecanismo de controle da classe operária, considerada subversiva. As palestras que Kantenich proferiu em Santa Maria foram classificadas como “apocalípticas” e o Movimento Apostólico de Schönstatt como “messiânico”, pelo fato dele ter enfatizado a importância da visitação ao Santuário. Criou-se um clima de animosidade entre os sacerdotes em Santa Maria.

Se o processo de Visitação Apostólica do Santo Ofício ao Movimento Apostólico de Schönstatt, de 1954 a 1965, pode ter alavancado as decisões do bispo D. Antônio Reis de suspender na diocese de Santa Maria, e em todas as cidades de sua jurisdição, as atividades do Movimento Apostólico de Schönstatt, por outro lado, este não era o único motivo: nesse período, crescia o número de devotos que acorriam às romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, período de intensa atividade grevista.

Para deter a expansão da devoção à Mãe Admirável foram suspensas as reuniões, as romarias, a circulação das revistas schoenstatianas e os quadros com as imagens dela. Os termos “Santuário” e “Schönstatt” foram proibidos mencionar e, em 1956 foi retirado do altar do Santuário Tabor de Santa Maria o componente central da proposta pedagógica do padre Kantenich: o Santíssimo Sacramento.

A opção pela exclusividade da devoção à Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul e dos Círculos Operários Católicos do Brasil precisava, não somente da fidelidade dos fiéis, mas também da sua contribuição financeira para a conclusão das obras do Santuário, bem como para manter a campanha em prol das vocações sacerdotais da diocese. Para tanto contavam com a imprensa local como, por exemplo, o jornal *A Razão*, de 1950, que destacava na manchete a catolicidade do Estado gaúcho: “O Rio Grande Católico esteve genuflexo no Santuário da Medianeira de Todas as Graças”. Ainda, em letras garrafais, lê-se: “Mais uma vez se confirma aos nossos olhos a verdade tão grata ao coração da cristandade, de que Deus quer salvar o mundo por meio de Maria-ad Jesum per Mariam”. Esse era o lema do episcopado de D. Antônio Reis, *A Jesus por Maria*. O título da matéria não deixa de ser emblemático, pois demonstrava o prestígio da Igreja através da afirmação do lema episcopal. Esse órgão de imprensa tornou-se, de certa forma, um veículo propagador da catolicidade da população santa-mariense.

A hipótese de preferência da diocese pela devoção a Nossa Senhora Medianeira, encontra respaldo, também, na iniciativa do Bispo Coadjutor, D. Luiz Vítor Sartori, de levar o quadro da santa a todas as paróquias do Estado: o *Peregrinatio Marie*. Deste modo a diocese, em 1956, movimentava-se para divulgar a devoção mariana da causa operária, dos seminaristas e de tantos outros devotos.

Essa ideia provavelmente originou outra campanha, nos anos de 1960, que estava voltada ao estímulo das vocações sacerdotais junto às famílias. Naquela época, cada paróquia arregimentou uma pessoa que ficava responsável de levar uma capelinha de Nossa Senhora Medianeira às famílias daquela divisão eclesial. À família que recebia a

capelinha era solicitado rezar algumas orações, dentre elas, a do Terço, bem como solicitavam uma ajuda financeira para as vocações sacerdotais.

Esta iniciativa pode ter um duplo significado, pois em 1950, o Movimento Apostólico de Schönstatt havia iniciado a visitação às famílias com a imagem da *Mãe Rainha Três Vezes Admirável* para preparar, com a oração do Terço, a proclamação do Dogma da Assunção de Maria, uma campanha que se estendeu às paróquias da Diocese.

Outro acontecimento, sancionado pela Câmara de Vereadores nos anos de 1960, reforçaria o prestígio da devoção mariana: a inserção da letra “M” no brasão da cidade, representando o nome Maria.

Ficava evidente que o legado da devoção a Medianeira não era mais uma religiosidade ingênua, senão uma das identidades do Município: a catolicidade respaldada pela religiosidade popular tutelada pela hierarquia da Igreja católica. Postula-se então, uma relação clara entre o signo visível e o que ele significa, o que não quer dizer que possamos decifrá-lo como deveria, pois podem surgir outros significados para a mesma letra daquele brasão que podem estar relacionados a outros acontecimentos cujos registros desconhecemos.

Assim, o poder público municipal definia sua predileção religiosa, ao menos simbolicamente, visível no brasão da cidade e se apropriava do prestígio da Igreja e vice-versa, pois, a dinâmica da religiosidade popular pode evocar pressupostos do conceito de “circularidade cultural”, a partir de seus articuladores.

A síntese dessa dialética entre a intervenção oficial, padre Valle, e a devoção popular, revelou-se nas iniciativas dos sacerdotes que, ao longo dos anos, foram emprestando ao culto mariano uma solenidade maior e também atribuindo-lhe uma nova identidade quando a introduziram nos Círculos Operários, ampliando, assim, “a cadeia de significados” dessa devoção mariana, “contingenciada pela autoridade eclesial”. Nesse caso, o contingenciamento se dá pela “circularidade cultural” (autoridades religiosas, civis e populares), chega a outras instâncias da sociedade e do aparelho de poder, e deles recebe elementos redefinidores da sua ideia original. Ou seja, à Medianeira que teria salvado a cidade da Revolução de 1930 são atribuídas outras identidades e a festa em torno da devoção, ao longo dos anos, foi sendo “reinventada”, como, por exemplo, as romarias de Nossa Senhora Medianeira, a partir do episcopado de D. José Ivo Lorscheiter (1974-2004). Elas foram marcadas por uma iniciativa original do episcopo que, ao convidar bispos, arcebispos ou cardeais para o evento religioso solicitava àqueles representantes da Igreja que trouxessem uma imagem de Nossa Senhora invocada naqueles lugares de onde eles procediam. Assim, diferentes imagens de Nossa Senhora foram trazidas por ocasião daquela romaria e expostas no altar da Cripta Mortuária do Santuário. Mas, a imagem da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt levará mais tempo para ser oficialmente reconhecida.

Um novo aliado da devoção à Mãe Três Vezes Admirável de Schönstatt

Ciente das tensões intramuros, o diácono João Luiz Pozzobon, a partir de 1954, passou a levar a imagem da *Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt* de casa em casa

para rezar o terço com as famílias, motivo pelo qual ela ficou conhecida como *Mãe Peregrina*. Essa iniciativa durou aproximadamente 35 anos, quando ele teria percorrido em torno de 140 mil quilômetros carregando o quadro com a imagem dela. Nestes anos o diácono enfrentou as advertências do clero em relação à pedagogia do padre Kantenich às suas práticas devocionais, pois, ele rezava a oração do terço, quase que ininterruptamente, se levarmos em consideração os dados que ele deixou registrado: quinze terços por dia. Essa prática gerou a *Campanha do Terço* que ficou conhecida internacionalmente, pois muitos de devotos argentinos que visitavam o Santuário de Schönstatt de Santa Maria colaboraram para a divulgação em países da Europa, África e América do Norte.

Por volta de 2006, o novo bispo da diocese de Santa Maria/RS, D. Helio Adelar Rubert, ignorando as tensões nos episcopados anteriores, propôs um circuito religioso que contemplasse o trajeto que o diácono João Pozzobon teria percorrido a pé. Peregrinos e seguidores de diferentes países, como Argentina, Uruguai e Paraguai acataram a ideia que, com o passar do tempo, estimulou a prática do Turismo Religioso que, para além do excursionismo, uniria os dois Santuários, ao menos simbolicamente, pois, o trajeto iniciava no Santuário da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schönstatt, em Santa Maria, percorria a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, e terminava no Santuário Basílica Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, anulando as divergências.

Como seria impossível percorrer todos os caminhos que João Pozzobon fez como peregrino de Nossa Senhora, o percurso foi adaptado para reverenciar o seu idealizador passando, assim, por alguns lugares que marcaram a vida do diácono. O total do percurso atingia 123 km.

Para selar esta iniciativa de demonstração de fé, no início do percurso, os peregrinos recebiam uma credencial e na conclusão da peregrinação recebiam um certificado de conclusão da caminhada. O rito tinha por objetivo destacar a fé dos antepassados, aqui representados por João Pozzobon, e destacar o ideário de fidelidade heroica do peregrino.

O posicionamento do clero católico a respeito desta iniciativa de peregrinação aproxima-se do “ideário de transformação interior e aperfeiçoamento pessoal”, o que normalmente é atribuído a esse tipo de peregrinação, assim como pela possibilidade de refazer a experiência vivida por alguns de seus idealizadores ao fazerem a peregrinação a Santiago de Compostela, na Espanha, ou como um treinamento para sua posterior realização. Ou ainda, segundo o padre postulador da causa de beatificação de João Pozzobon no Vaticano, Argemiro Ferraccioli, fomentar a construção de um “Caminho de Peregrinação” como existe na Espanha (o caminho de San Tiago de Compostela) e tantos outros pelo mundo.

Se no passado a peregrinação de João Pozzobon representou proibições ao Movimento Apostólico de Schönstatt em detrimento a devoção a Nossa Senhora Medianeira, essa nova rota foi ressignificada pelos novos peregrinos e pelo próprio clero quando aderiram a outras formas de espiritualidade como a contemplação da natureza,

tipicamente atribuídas a Nova Era. A esta tradição inventada (Hobsbawn) foram incorporados novos ideários como o mercado turístico, e a mediação de novos agentes, como as agências de viagem e as instituições de Ensino Superior, a exemplo do Centro Universitário Franciscano, quando propõem a organização de um *Roteiro de Peregrinação do Diácono João Luiz Pozzobon e Mãe Rainha – Nossa Senhora Três Vezes Admirável de Schönstatt, através de um projeto integrador para o segundo nível do Curso de Turismo* com vistas a “analisar as possibilidades de estruturação do segmento de turismo religioso em Santa Maria”, com o apoio da Secretaria de Turismo do Município.

O circuito *Caminhos da fé*, enquanto evento turístico-religioso, idealizado pelo bispo de Santa Maria, D. Helio Adelar Rubert visava difundir o método e a história de vida de João Pozzobon como um modelo para o cristão. Nessa reconstrução do percurso que o diácono fazia, o novo peregrino conta com uma infraestrutura simples e eficaz para o trajeto, onde os moradores da região da Quarta Colônia recebem os peregrinos. Estes moradores passam a integrar o projeto à medida que socializavam suas experiências vividas com o diácono João Pozzobon estreitando, assim, os laços de amizade com os peregrinos.

Se esta experiência de peregrinação está dissociada das peregrinações tradicionais, como a praticada por João Pozzobon, onde o seu sacrifício pessoal e a penitência eram assumidos por ele perguntamos: o que teria motivado a religiosidade peregrina no contexto do *Roteiro de Peregrinação do Diácono João Luiz Pozzobon*? Qual o significado da rota “Caminhos da fé”? Os peregrinos se identificaram com as práticas religiosas e piedosas de João Pozzobon?

Tudo indica que não, pois quando a devoção é ressignificada estas questões podem ser secundárias. João Pozzobon seguia o percurso sozinho batendo de “porta em porta”, às vezes dormia no relento e não se alimentava, ou passava outro tipo de privação que oferecia como penitência pelo reconhecimento do Movimento Apostólico de Schönstatt. Uma piedade popular criticada pela igreja pós-conciliar e que, provavelmente, não fazia parte dos objetivos deste circuito religioso, pois, a esta rota foram associados outros conceitos, como o de vida saudável, já que exige do peregrino moderno uma educação alimentar apropriada para longos percursos e um preparo físico.

Por outro lado, regularmente peregrinos, com outro perfil, oriundos de diversas cidades brasileiras e estrangeiras (Argentina, Uruguai e Paraguai) visitam Santa Maria com vistas a cumprir outro itinerário de fé desenhado pelas ruas do bairro Nossa Senhora das Dores que reflete a vida do Diácono João Pozzobon e do Movimento Apostólico de Schönstatt. Este grupo dedica mais tempo a oração do terço, palestras e visitas de adoração ao Santíssimo Sacramento exposto no Santuário de Schönstatt de Santa Maria.

Considerações finais

A resposta da população santa-mariense às tensões no campo religioso pode ser medida pelo número expressivo de visitantes ao Santuário de Schönstatt. Como cerne da pedagogia do Movimento ele é um local de visitação permanente. Ao contrário do Santuário Basílica-Menor Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que não

mantem, uma frequência significativa de frequentadores, não contempla espaço para os ex-votos e recentemente preocupou-se com a organização de um memorial para o fundador da devoção à Medianeira em Santa Maria, padre Valle.

Nossa Senhora Medianeira é lembrada, principalmente como padroeira do Estado e pouco divulgada como padroeira dos operários, pois a grande maioria da população desconhece estes títulos. Nas paróquias da Diocese, de modo geral, a invocação à Medianeira se dá mais no mês que antecede a romaria para preparar espiritualmente os fiéis e estimular os preparativos da festa em homenagem à santa. Atualmente, a campanha de divulgação conta com uma missa mensal transmitida em canal aberto pela Rede Vida de televisão.

Percebe-se que, em geral, os devotos de Nossa Senhora Medianeira foram menos estimulados pelo clero diocesano a se beneficiarem das graças creditada pela Igreja católica ao fiel que visita um Santuário. Esta observação pode ser respaldada pela diferença do número de visitantes e/ou devotos do Santuário Basílica Menor Nossa Senhora Medianeira, ao contrário do que acontece no Santuário de Schöenstatt, onde a visitação é permanente e em maior número. Em relação à frequência às romarias os dados se invertem.

Por outro lado, o protagonismo dos leigos difundiu o Movimento Apostólico de Schöenstatt, não somente na América Latina, mas em outros países da Europa, da Ásia, da África e da Oceania, formando uma rede de Santuários schoenstatianos.

Se, por um lado, a festa da Medianeira, ao acumular bens de distinção religiosa constituiu-se num bem suscetível de acumulação, em torno do qual se estruturou o mercado do campo religioso católico, por outro lado, os devotos da “Mãe Peregrina” trilham um caminho paralelo, com maior prestígio em nível internacional do que local, pois os membros do Movimento Apostólico de Schöenstatt, leigos e religiosos, fizeram daquela devoção mariana uma importante manifestação de fé em nível mundial, num momento em que a Igreja incentivava os leigos a participar mais da política para defender os interesses do povo oprimido, da classe trabalhadora.

Simultaneamente, o mesmo Movimento leigo-religioso, considerado motivo de tensões intramuros, contribuiu, não somente, para que a cidade de Santa Maria se tornasse num centro de peregrinações religiosas católicas, como também para que esta devoção mariana se propagasse para a América Latina. Esta difusão aconteceu através da distribuição de pequenas imagens Peregrinas que deveriam partir de Santa Maria pelo fato da cidade ser a sede do primeiro Santuário de Schöenstatt no Brasil, fundado pelo padre Kentenich e porque é a cidade protagonista desta prática popular aliada a oração do Terço idealizado por João Luiz Pozzobon, cujo processo de canonização encontra-se no Vaticano, bem como do fundador do Movimento Apostólico de Schöenstatt, motivo pelo qual pode-se atribuir ao Movimento leigo-religioso um duplo significado, o que não acontece, ao menos por enquanto, em relação à devoção à Medianeira. Neste caso, João Pozzobon se tornaria, não somente modelo para alcançar a difusão da devoção mariana, mas um símbolo de resistência às restrições impostas à devoção schoenstatiana.

REFERÊNCIAS

- ALESSANDRI, Hernán. *Padre José Kentenich: um fundador, um pai, uma missão*. Tradução de Gilberto Cavani. Santa Maria: Pallotti, 2002.
- AZZI, Riolando. *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994. (História do Pensamento Católico no Brasil, v. 5).
- BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República*. (Tese) Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, São Leopoldo, UNISINOS, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. Tradução de Margarida Oliva.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. A memória Coletiva dos Santos Lugares. Pelotas: *Revista Memória em Rede*, v. 01 n. 01 PPGMP UFPel, 2010.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- HOBSBAWM & RANGER, Tenece. *A invenção das Tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti.
- ISAIA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- KENTENICH, Pe. José. *O Fundador Fala* 1. Conferências a Alocações para as Mães schoenstatianas e a família de Schönstatt. Santa Maria: Centro Mariano, 1977.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas/SP: Papyrus, 1986.
- LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Revista Tempo*, vol. 20, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2014.
- RAUSCH, Pe. Urbano, S.J. *Uma vida dedicada ao Círculo Operário*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.
- SCHNEIDER, Ottomar e CATAGGIO, Juan. *Documento de Consenso: a pessoa e a campanha do diácono João Luiz Pozzobon*, Encontro Internacional, Santa Maria, 1989.
- SOUZA, Jessie Jane. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.
- STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: Raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In ABUMANSUR, Edin Sued (org.). *Turismo Religioso: Ensaio Antropológico sobre religião e turismo*. Campinas: Editora Papyrus, 2003.
- SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.
- TREVISAN, Victor. *João Luiz Pozzobon: um "Santo" com têmpera de missionário leigo?* Santa Maria: Pallotti, 1992.
- *Movimento Apostólico de Schönstatt: introdução histórica*. Santa Maria: Pallotti, v. 1 e 2, 1992.
- URIBURU, Esteban J. *140.000 km a caminho com a Virgem*. Tradução Dorvalino Rubim. Santa Maria: Pallotti, 1985.
- VALLE, Inácio. História da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. In: *Copa em Revista*, 27 nov. 1954, [s.p.], Porto Alegre.